



Chrys Chrystello*

Artificialidades

Andam os mais instruídos todos preocupados com a IA (inteligência artificial) enquanto outros há surpreendidos com a falta de inteligência. Os exemplos sucedem-se e não só nas cenas de humor que as televisões diariamente proporcionam.

Há dias uma funcionária de uma cadeia multinacional não atendeu uma chamada de um cliente dos EUA porque não reconheceu o número e estava a chegar a hora de fecho da loja. Admirava-me que ela reconhecesse o nº telefónico sabendo que diariamente recebem chamadas de clientes locais e de todo o mundo.

Num hipermercado há dias dei umas moedas para receber o troco certo, e a funcionária avisou-me que eu estava a dar dinheiro a mais, devolveu-me as moedas e deu-me o troco em mais moedas ainda, em vez da nota de cinco que esperava receber.

Numa loja de artigos de papelaria, quis comprar 50 crachás, a funcionária solicitou depois de eu ter feito a minha escolha do tipo pretendido, abriu a caixa de cartão, devidamente selada com a inscrição de “contém 50 crachás” e pôs-se a contar os ditos cujos, uma um... teria medo que a caixa trouxesse mais de 50???

Quando se comparam fotos de praia nos anos 70 e agora algumas observações são necessárias, uma a da obesidade atual a todos os níveis e idades, a falsidade das formas do corpo com implantes de silicone, botox, plásticas, e sei lá que mais, tatuagens até dizer basta e outros adereços.

Cada vez mais nos confrontamos com a IA a tomar decisões e a responder a questões nossas, sem que muitas vezes possamos explicar idiosincrasias dos nossos problemas e casos a outro ser vivo. Pos algoritmos que a IA usa foram delineados por humanos, como tal cheios de falhas, sem terem em conta especificidades e unicidades de cada caso, pelo que muitas vezes é quase impossível resolver tal problema ou caso.

A IA nem é artificial, trata-se de uma enorme coleção de saberes e conhecimentos, trata-se de uma evolução da computa-

ção. “Não é inteligência, nem é artificial, porque depende do trabalho humano para treiná-la. É apenas probabilística, não é criativa, é uma descrição equivocada, um exagero de marketing que serve aos interesses de algumas grandes corporações de tecnologia.” Assim a definiu Nick Couldry da *London School of Economics and Political Science*, no Reino Unido.

A IA incorporou-se na nossa vida quotidiana sem o pretendermos, desejarmos ou nos apercebermos das vantagens e desvantagens ou perigos de tal. “Confundir” os resultados da IA com conhecimento é cometer um erro de categoria profundo. “Se os resultados da IA, por mais eficazes que sejam como hipóteses, não podem explicar por que são plausíveis, então a IA é fundamentalmente diferente da inteligência humana”, observou Couldry.

Couldry considera que vivemos uma nova fase nas relações entre colonialismo e capitalismo, que é o **colonialismo de dados**, uma ordem emergente para a apropriação da vida humana, de modo que os dados possam ser continuamente extraídos dela, com valor agregado. “O colonialismo de dados prepara o terreno para um novo modo de produção capitalista e organização socioeconómica, enquanto coexiste com o legado neocolonial. É uma continuação da tentativa do Ocidente de impor uma única versão de racionalidade ao mundo”, explicou o sociólogo.

E atraídos por semanas de 4 dias, rendimento universal e quejandos, estamos artificialmente a aceitar as novas regras de uma escravatura cujos contornos ainda estão por definir... que proletários seremos nas próximas décadas? Quando a geração a que pertencemos se extinguir que *homo sapiens sapiens* teremos e estará confinado a algum zoológico de História Natural da Humanidade?

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)



Sofia Araújo Tavares*

O Acolhimento Familiar e o Direito de Crescer em Família



Segundo o mais recente relatório CASA, elaborado pelo Instituto da Segurança Social, I.P. (2023), existem cerca de 6000 crianças e jovens em Casas de Acolhimento Residencial em Portugal, por estarem em perigo e por falta de alternativa, passam pelo Sistema de Promoção e Proteção, na sua versão menos individualizada, menos natural e promotora do seu desenvolvimento integral, ficando assim, temporariamente, inibidas de um dos seus Direitos mais importantes, o Direito a Crescer em Família.

A par do que já se faz no resto do mundo, Portugal alterou a Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens, em 2015, dando relevância à Medida de Acolhimento Familiar. No entanto, apenas depois da pandemia, a partir de final de 2022, é que tomou medidas estruturantes que permitem que a medida pudesse tornar-se uma realidade. Medidas como a criação de Equipas Multidisciplinares para captação, avaliação e formação de candidatos a Família de Acolhimento e após a sua certificação, o acompanhamento do acolhimento da criança e jovem acolhida.

Os números do Acolhimento Familiar crescem lentamente por desconhecimento e porque pressupõe uma alteração de mentalidade que não acontece de um dia para o outro e faltam as Boas Experiências serem notícia, mais do que as Más Experiências que são amplamente noticiadas nos media.

Nos Açores, existem 37 Casas de Acolhimento, que acolhem cerca de 300 crianças ou jovens e nenhuma Família de Acolhimento (CASA, 2023). Há, portanto, um longo caminho a fazer-se na região a este nível.

Alguns dos obstáculos que a medida encontra na prática prendem-se com o lento investimento em publicidade da medida por parte do Estado, o desconhecimento da referida medida pelos próprios técnicos do Sistema de Promoção e Proteção e a falta de aplicação da medida por parte das entidades com competência na matéria.

Fica o apelo a todos colegas que trabalham no Sistema de Promoção e Proteção que se informem sobre a medida e sobre o que envolve. Aos colegas e sociedade em geral, o apelo a que ponderem a hipótese de se tornarem Família de Acolhimento!

Fique bem, pela sua saúde e a de todos os Açorianos!

Um conselho da Delegação Regional dos Açores da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

* Cédula OPP# 1544